

# Como a Filosofia pode auxiliar as crianças no desenvolvimento do pensamento crítico

Conferência proferida pelo Dr. Marcelo de Mello Torquato  
no Congresso Aprender Criança 2018

*“Quem quer que tenha algo verdadeiro  
a dizer se expressa de modo simples.  
A simplicidade é o selo da verdade”.*  
Schopenhauer (1851)

Este ensaio foi escrito no intuito de mostrar o caminho que percorri em meu pensamento para formatar a apresentação no “Aprender Criança” sobre a formação do pensamento crítico. Tentei colocar de maneira simples e sintética as ideias orientadoras para a sua formação, e antes de concluir o assunto gostaria sim, de estimular perguntas e criar um espaço para construção da crítica.

O pensamento crítico e reflexivo sempre é autoral, somos nós que o pensamos, e via de regra é constituído por um propósito, uma dúvida que nos leva a reflexão. Seu início sempre é pela pesquisa sistemática de conceitos. A crítica organizada sempre se baseia em teorias do pensamento e foge das opiniões e do senso comum se abstendo de nossas pré concepções sobre o assunto. Ele aceita a dúvida e a crítica na medida exata da sua construção. Sabemos quando o pensamento reflexivo se inicia, sempre com uma dúvida, mas não temos ideia onde ele chegará. Ele deve sempre ser considerado um processo marcado pelo desejo de crescimento. Sua identidade é a mudança sendo constantemente autocorretivo.

*Platão (348-347 a.C.)* já nos ensinava que para iniciar um estudo específico, uma conversa, ou mesmo uma atividade intelectual de escrita, necessitamos definir os termos e conhecer os sentidos das palavras envolvidas na proposição inicial. Portanto vamos tentar elucidar os termos envolvidos no tema proposto transformando-os em perguntas e assim constituir um eixo teórico que nos permita chegar a novas perguntas.

O que é o pensamento? Quais suas características, como se forma e do que é feito.

O que é crítica e qual as reflexões necessárias a formação do pensamento crítico?

Quem vem a ser o propósito de nosso estudo. A criança do século XXI?

Ao formular estas questões já nos deparamos com uma primeira crítica filosófica. Alguns acharão que as perguntas são de fácil resposta, outros de difícil entendimento e tantos outros somente esperarão pelas respostas.

Não somos unânimes nem tampouco inéditos. Se hoje podemos enxergar um mundo cheio de possibilidades é porque em algum momento conseguimos enxergar o horizonte sentados nas costas de gigantes. Temos que tolerar as críticas e reverenciar os conhecimentos adquiridos. “Não podemos viver no passado é ele que vive em nós”. Somos 7 bilhões de *Homo Sapiens* que vivem no planeta terra nos dias atuais. Cerca de 110 bilhões já passaram pelo planeta desde os últimos 150 mil anos. Nesta corrida de revezamento do conhecimento aprendemos com o que foi bom e descartamos o inútil. O prêmio Nobel de literatura de 1948 o poeta *T. S. Elliot* demonstra como os

poetas modificaram o pensamento através do tempo com o fazer literário

*“Os poetas imaturos imitam; os poetas maduros roubam; os maus poetas desfiguram o que pega, e bons poetas transformam-no em algo melhor, ou pelo menos em algo diferente.”*

Há preocupação, em demasia, com as críticas, que por vezes impedem o fazer pelo medo do erro, e esquecemos que a maior crítica é deixar de fazer algo que possa ser criticado e assim contribuir de forma humana e generosa para o crescimento de todos.

**O que é o pensamento? quais suas características, como se forma e do que é feito.**

*“O pensamento é o único lugar onde ainda estamos seguros, onde nossa loucura é permitida e todos nossos atos são inocentes”  
Martha Medeiros (1961)*

Grosso modo podemos entender o pensamento enquanto um processo. Utilizamos o cérebro, a partir das aquisições de experiências prévias, que nos auxiliam na percepção, reflexão e transformação do mundo. Nada que pensamos não passou em algum momento de nossa existência pelos nossos órgãos dos sentidos. Não basta ver as coisas há de se construir a capacidade de enxergar o mundo. Não basta ouvir. O pensamento crítico precisa da transformação necessário para aprendermos a escutar o outro na criação da alteridade. Dai, podemos inferir que o pensamento é antes de tudo uma atividade estética no

sentido de sua construção. Ele é formado principalmente por símbolos em busca de palavras constituintes da linguagem para que possamos nos expressar. É difícil entender o pensamento sem o auxílio das palavras. Tudo o que pensamos se assemelha a um filme projetado, repletos de símbolos, que denominamos de palavras no sentido de construir uma narrativa.

*Descartes (1596-1650)* já nos ensinava sobre o pensamento que:

*"A essência do homem é pensar". "Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida, que afirma, que ignora muitas, que ama, que odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente". (Logo quem pensa é consciente de sua existência) "penso, logo existo."*

Todos já vimos crianças pequenas perguntando o que é isto? Esta é a primeira característica necessária para a formação do pensamento: *A curiosidade*. Quem não é curioso não se abre a experiência. Para podermos ser curiosos temos que ter um cérebro íntegro e órgãos dos sentidos em bom estado de funcionamento.

*Steven Pinker (Canadá, 1954)* em seu livro *"Do que é feito o pensamento: A língua como janela para a natureza humana"* nos ensina que precisamos da linguagem e de seus símbolos para exercer nosso papel de pensar, portanto já nascemos com um arcabouço próprio a construção dos símbolos e conseqüente da linguagem. Ele acredita que a linguagem é uma adaptação evolutiva.

A segunda característica na formação do pensamento é formada no *Ethos*, ou seja o lugar onde estes símbolos foram aprendidos. Constituições familiares, emoções relacionadas a apreensão de cada símbolo, preconceitos

familiares e grupais, o “*Zeitgeist*”, (espírito de cada tempo) e sem dúvida a cultura em que estamos inseridos quando da apreensão do símbolo. Exemplificando tomemos a palavra cachorro. Cada um de nós tem seu cachorro único e especial e a construção deste cachorro depende de infinitas possibilidades. Pode ser um cachorro grande ou pequeno, dócil ou feroz, amável ou odiado na dependência de como construímos este símbolo.

A terceira condição do pensamento diz respeito ao processo sempre inacabado do nosso pensar. A mente não para e trabalha sem cessar. Temos que pensar para tomar decisões e usamos a linguagem para compartilhar ideias.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) brilhante linguista e filósofo suíço, dizia que nós somos capazes de guardar o som das palavras em nosso aparelho cerebral e que este som representa uma ideia. O significado de uma palavra conecta o som com a ideia.

“Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo” com este aforisma escrito por Ludwig Wittgenstein (1889-1951), filósofo Austríaco e um dos maiores pensadores do século XX, ele nos convida a reflexão da importância da linguagem como ferramenta necessária para conhecer o mundo; ele ensinou que as afirmações não tem sentido real se as palavras não tiverem uma relação clara com as coisas que experimentamos no mundo ao redor. É um convite a uma filosofia da “práxis” onde necessitamos formar nossa mente a entender o mundo.

Não nascemos prontos! vamos criando rotas mentais capazes de exercer o pensamento permitindo comparações, conteúdos valorativos, aspecto morais, julgamentos,

estabelecendo prioridades de atuação e tolerando as frustrações advindas deste processo. Quem não tolera ser criticado acaba por ter dificuldades de entender o mundo e se abrir a experiência do conhecimento. Como o ato de pensar é dinâmico ele pode se alterar durante nossa vida. Mudamos de pensamento quando temos um processo de reflexão profundo e crítico. O nosso primeiro nascimento é biológico e o nosso segundo nascimento ocorre quando temos a capacidade ter um olhar inteligente sobre nós mesmos. Nos tornamos o protagonista de nossa evolução intelectual, cultivando hábitos relacionados a leitura, participação ativa do meio sócio cultural e busca epistemológica contínua. Somos seres com capacidade de transformar e adequar a realidade e assim construir o mundo; usando o pensamento; criando um lugar para ser aceito e aceitar as vicissitudes da existência.

De nada adiantaria pensar sem focar o outro na formação de um pensamento coletivo. As virtudes tão estudadas pela filosofia desde Platão, são formas de pensamento crítico para promover a vida em sociedade. São as regras de ouro que nos permitem conviver com as outras pessoas.

“É melhor ensinar as virtudes, do que condenar os vícios” já nos ensinava Baruch Spinoza (1632-1677). É melhor a alegria do que a tristeza, melhor a admiração do que o desprezo, melhor o exemplo que a vergonha. Não se trata de lições de moral, mas a ajudar cada um a ser seu próprio mestre. Ensinar virtudes é transformar o ser animal que nos habita em ser humano detentor de conteúdos necessários a construção de uma sociedade mais justa e produtiva.

## O que é crítica?

“Prefiro os que me criticam, porque me corrigem, aos que me elogiam, porque me corrompem.”

*Agostinho de Hipona (354-430 A.C)*

Quando no pensamento nasce a dúvida, em relação a verdade última das coisas, nasce em ressonância a crítica. Criticar significa suspender o juízo daquilo que sabemos para se abrir ao não conhecido. Se no indivíduo habita o desejo, o coletivo é o território do conflito. Aquilo que nos é estranho e por vezes não inteligível convida ao exercício da crítica.

Fugir da opinião, que os gregos chamavam de “*Doxa*”, e caminhar rumo a reflexão foi um movimento fundamental para a criação do pensamento crítico. Contrapondo este conceito, os filósofos gregos Parmênides e Platão discutem o conceito de “*Episteme*” que pode ser definido com o conhecimento advindo da experiência e experimentação. A análise destes dois termos já nos coloca prontos para discutir os conceitos relacionados a crítica. Será que podemos ser críticos utilizando premissas relacionadas somente a opiniões, como tanto fazemos como utilizamos o senso comum? Por meio da opinião, podemos nos comunicar, compartilhar experiências e avaliar a realidade do ponto de vista individual. No entanto, se queremos saber algo com um critério de verdade e de maneira objetiva, devemos seguir o caminho da “*Episteme*”. Esta distinção entre uma forma ou outra de conhecimento é crucial para

compreender a diferença entre o que é científico e o que não é.

Platão já advertia que para entrar para sua academia seriam necessários conhecimentos da matemática e principalmente da geometria. Sem estes conhecimentos como poderíamos tecer comparações e desenvolver conteúdos valorativos.

*Aristóteles*, (384- 322 A.C), cria um pensamento voltado ao conhecimento da natureza e principalmente focado na educação e nos presenteia com o conceito de silogismo onde por método dedutivo podemos constituir conclusões. Algo como:

*“Todos os homens são mortais. Antônio é homem. Logo, Antônio é mortal”.*

Textos que tratam de raciocínio crítico geralmente contam com uma boa dose de lógica formal no mais típico pensamento aristotélico que foi utilizado e desenvolvido principalmente na idade média. A lógica formal é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

Por outro lado crítica e culpa também foram confundidas e uma tomada pela outra por muito tempo na história da humanidade. O pensamento dogmático religioso foi decisivo para a criação desta confusão. Criticar significava ir contra os preceitos religiosos e passíveis de punições e tal qual mal escondido vinha a culpa. Por muito acreditamos que questionar e criticar gerava culpa e punições.

Rebelde e provocador, conhecido por escrever uma filosofia que destrói deuses com seu pesado martelo da razão, *Friedrich Wilhelm Nietzsche* (1844 - 1900) lança luz



sobre a questão da crítica e abre caminho para a secularização do pensamento humano e nos convida a sermos senhores de nosso destino em busca de uma autonomia reflexiva como expõe o texto abaixo.

*“Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar, para atravessar o rio da vida - ninguém, exceto tu, só tu.*

*Existem, por certo, atalhos sem números, e pontes, e semideuses que se oferecerão para levar-te além do rio; mas isso te custaria a tua própria pessoa; tu te hipotecarias e te perderias.*

*Existe no mundo um único caminho por onde só tu podes passar. Onde leva? Não perguntes, segue-o!”*

Em um mundo permeado pelo dogmatismo religioso onde não havia possibilidade de se questionar nasce o pensamento de *Immanuel Kant* (1704-1824), entre tantos outros, criando uma corrente filosófica chamada de Criticismo. Em sua obra mais discutida “*Crítica da razão pura* (1781)” Kant nos ensina que a crítica se propõe a julgar o mérito de algo proposto. Ela pode ser intelectual se julga um conceito, estético se julga uma obra de arte, lógica caso julgue um raciocínio e moral caso julgue uma conduta. Não gostamos de ser criticados pois fere o nosso narcisismo e nosso egocentrismo, entretanto, percebemos que sem a crítica não há movimento. Sem crítica não há evolução.

“Conheço muitos que não puderam quando deviam, porque não quiseram quando podiam”. François Rebelais (1483-1553) foi um médico renascentista e escritor Francês, que plantou a dúvida em uma sociedade renascentista repleta de vícios, retratados em seu romance *Gargântua e Pantagrue* e criticou de maneira satírica os dogmas religiosos e absolutistas. De sua obra podemos observar que o ser humano é ardente as paixões pois não para de querer, desejar as coisas, por vezes não sabendo se pode ou se

deve. Destas três palavras. Quero, posso e devo podemos desenvolver um eixo formação do pensamento crítico.

Como ensinar o que desejar ou o que fazer com o nosso desejo? Não seria necessário a discussão de uma Pedagogia do desejo.

Já que desejo alguma coisa será que eu posso? Não seria necessário a discussão de uma Pedagogia da alteridade. Não seria o outro a razão de aqui estarmos.

Se desejo, por ser humano, me pergunto se posso mas será que devo. Aqui se impõem uma necessidade de discussão de uma Pedagogia moral.

Estas colocações apesar de pertinentes a questão da crítica foram colocadas como uma semente a ser trabalhada com mais cuidado em outra situação.

### **O que vem a ser o propósito de nosso estudo. Quem é a criança do século XX a caminho do XXI ?**

"Não eduques as crianças nas várias disciplinas recorrendo à força, mas como se fosse um jogo, para que também possas observar melhor qual a disposição natural de cada um."

*Platão ( 348-347 a.C.)*

Em nova York no mês julho de 2012 o Museu de Arte Moderna apresentou uma exposição que me chamou a atenção. “*Century of the Child: Growing by Design, 1900-2000*” (O Século da Criança: Crescendo com Design, 1900-2000). Nela vários designers do mundo todo mostravam como a criança entra no século XX. Houve uma mudança

radical com relação a criança do século XIX, que era encarada como um adulto em miniatura cheio de deveres e passividade no processo de conhecer o mundo e aprender. *Ellen Key (1849-1926)* uma grande pedagoga sueca em seu livro “O Século das Crianças” antevê de maneira premonitória a transformação da infância e do aprender. A criança do século XX ganha voz e direitos desde seu nascimento, sem contar nos inúmeros aparelhos criados para o seu bem estar. Playgrounds, brinquedotecas, designs de móveis, moda infantil, brinquedos específicos, sustentáveis e seguros, parques temáticos entre outras novidades. Esta reinvenção da criança a coloca em lugar de destaque na sociedade, outorgando direitos a felicidade(...), que deverá a toda prova ser proporcionada pelas gerações anteriores. Temos o dever de criar um mundo receptivo, repleto de facilidades em busca da felicidade. Será?

Assim nasce “Sua majestade o Bebe” como Freud em sua teoria psicanalítica, em artigo de 1914, profetizou.

Cabe definir termos neste momento e não confundir infância com criança. A infância é temporal e obedece o espaço compreendido entre o nascimento e a adolescência, já a criança é algo atemporal e repleta de subjetividades. Lugar que antecede o existir, a criança, quase sempre é esperada como uma promessa de futuro e continuidade de existência do casal parental. É depositária de sonhos, desejos dos pais, sem ter sido consultada sobre suas verdadeiras vontades. Acho que começa a se delinear a partir destas colocações a movimentação crítica que a criança precisa percorrer para chegar a assumir seu lugar no “mundo possível” que ela irá existir e não no mundo idealizado por seus pais.

Ao analisar como ajudar a criança a exercer seu papel reflexivo e crítico no mundo há que se considerar algumas assertivas. A criança na história da humanidade foi considerada de várias formas. De um ser desqualificado e esquecido na idade média a tornar-se um “anjo” puro no Renascimento. Quantos diferentes nuances de criação e educação formaram a matriz das crianças atuais.

Não há como não comentar as questões relacionadas ao “onde” a criança nasce. Nascer no deserto, na favela ou oriundas de pais em risco eminente, como portadores de doenças mentais, droga adição e alcoolismo com certeza irá impactar profundamente o futuro e a escolhas críticas destas crianças. Em contra partida crianças desejadas, nascidas em condições adequadas oriundas de pais provedores, caminham pelo senso comum que terão uma vida mais adequada. A filosofia sempre convida a discussão. Não temos certeza de nada e a dúvida nos permeia. Existirão crianças pobres e ricas que caminharão por caminhos distintos. Destituídos dos conteúdos valorativos entre certo e errado. A filosofia abre o diálogo para entender as várias formas do que poderá ocorrer.

A escola do século XIX focada no conteúdo programático e nos saberes necessários a formação de um adulto, adentra ao novo século e tenta recuperar seu espaço sem contanto conseguir. A criança mudou e a escola precisa mudar também.

A criança do novo século torna-se cada vez mais autônoma e com poder de escolha. Exercem cada vez mais sua postura crítica de não entender o paradoxo que vivem, foram criadas repletas de direitos que de certa forma não

podem exercer. Elas querem participar de seu aprendizado e cada vez mais exercer sua capacidade de escolha. Elas buscam agora na escola um lugar de livre expressão e uma comunidade de investigação.

A criança parte então de um objeto familiar tutelado para um sujeito constituído de direito, portador de desejos e vontades que busca o respeito e a alteridade ao existir.

A criança é apaixonada pelas subjetividades e domínios da imaginação. Elas criam e são criadas pelo brincar. Na brincadeira e no brinquedo ela deposita suas angústias e todo seu amor. Quem já teve a oportunidade de observar uma criança brincando entende o que estou falando. *Martin Heidegger (1879-1976)* nos ajuda a entender filosoficamente o brincar.

*“Brinca porque brinca. O porquê desaparece na brincadeira”*

Cabe a nós pais, educadores, e sociedade permitir o acesso as diversas formas de aprender e que tenhamos a possibilidade de tirar de dentro de cada criança aquilo que lhe diz respeito. Permitindo um existir de acordo com suas escolhas. Somente assim teremos profissionais envolvidos e felizes em seus caminhos. Como nos ensinou *Confúcio (551-479 a.C)*

*“Escolhe um trabalho de que gostes, e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida”.*

As crianças, tal e qual os primeiros filósofos, são seres pensantes e criativos. Descubrem o “novo” a todo momento, tecem perguntas afiadas sobre suas impressões estéticas do mundo a todas as pessoas, independente de sua idade.

*Sócrates (469-399 a.C.)*, considerado o precursor do pensamento ocidental, utilizava seu método maiêutico (o

parto das ideias) para descobrir sobre a verdade de todas as coisas. Caminhava no 'Agora (espécie de mercado central ateniense) a perguntar sobre "todas as coisas" aos transeuntes e somente assim construía uma verdade "transitória" sobre "todas as coisas". Sua máxima "Só sei que nada sei" vem de acordo como a criança começa a descobrir o mundo. Aqui vem mais uma pérola para criação do pensamento crítico. Subtrair as pré concepções sobre o assunto em questão e analisar de forma prospectiva como podemos entender e resignificar as coisas. Precisamos dar voz a criança e deixar com que ela possa pensar, refletir e organizar. O mundo é cheio de respostas, as quais nós adultos acreditamos de maneira dogmática serem verdadeiras. A matéria prima da filosofia é a pergunta. Saber perguntar, o que perguntar e qual a hora de perguntar é necessário. Muito ainda temos que aprender com o caminho.

*A criança do século XXI e a Internet. A criação de um mundo virtual para o aprendizado.*

Em estudo de 2017 o "Centro Regional de Estudo para o desenvolvimento da sociedade de Informação (Cetic.org)" constatou que 86% dos brasileiros de 9 a 17 anos que acessam a internet têm perfil em redes sociais. Entre aqueles de 9 a 10 anos, o índice é de 62% e de 11 a 12 anos, 76%. WhatsApp e Facebook são as redes mais acessadas nessa faixa etária.

Com estes dados observamos que as crianças vivem em um novo mundo, conectado a internet e participando ativamente de redes sociais. Hoje podemos considerar as gerações atuais como “nativos digitais” onde as facilidades virtuais e as mídias digitais estão presentes cada vez mais.

*Não adianta mais querer ficar de fora.*

Elizabeth Kilbey, psicóloga Britânica, em recente livro lançado no Brasil “ Como criar Filhos na Era Digital” descreve situações clínicas e tece orientações aos pais e educadores como devemos atuar junto com as crianças a descobrir e participar deste mundo digital. Os conteúdos digitais, sem dúvida alguma, permitem uma formação intelectual mais elaborada e repleta de possibilidades do que que há alguns anos atrás. A facilidade de acesso, a velocidade das conexões e os novos aparelhos permitiram o crescimento da Internet.

Resolvemos alguns de nossos problemas de acesso a cultura de nosso tempo. Criamos estudo a distância, onde de sua residência, trabalho ou escola podemos nos matricular em um Cursos Universitários em outros países. O aprendizado de línguas foi incrementado e facilitado, disponibilizando para a criança nascida em um mundo com facilidades digitais, uma nova percepção do que é existir. As interfaces entre o real e o virtual perdem seus limites precisos dando margem a novos conceitos como inteligência artificial, robôs humanóides, homem e máquina em relação quase simbiótica e a transformação de conteúdos educacionais em jogos de Internet o que é chamado de gamificação da educação.

A *gamificação*, palavra em português para “*gamification*”, termo cunhado pelo programador Nick Pellin, em 2002, constitui-se na aplicação das técnicas usadas por programadores de computação como, pontos, premiações, competições, pertencimento a grupos e compartilhamento de informações entre outras na criação de saberes em outras áreas que não propriamente o entretenimento. Dentro do contexto da educação, a gamificação pode incentivar o engajamento dos alunos em atividades de forma divertida e prazerosa e desencadear a vontade de aprender conteúdos cada vez mais desafiadores.

Os jogos educacionais em sala de aula é uma das tecnologias emergentes que deverão ser populares brevemente. O desafio é a colaboração que os jogos de internet atuais, sem conteúdo educativos, se tornarão em novos modelos para o ensino de conteúdos e transmissão de conhecimento já consolidado. Imagine poder estudar matemática em um game onde cada acerto abre um portal para novas descobertas compartilhada pelos jogadores “on line”. É quase impossível imaginar onde estas possibilidades nos levarão.

Esta “maravilha digital” que vem modificando o mundo que outrora conhecíamos, transforma a maneira de aprendermos conceitos e disseminar cultura. Não há relatos de precedentes na história da humanidade nem tampouco tende a voltar atrás. Temos que aceitar o “novo” digital e saber o que faremos com suas infinitas possibilidades.

Cabe novamente a filosofia colocar as inovações virtuais perante o tribunal da dúvida, dando voz ao



contraditório, e exercendo sua capacidade de promoção do pensamento reflexivo.

Admitindo que o processo digital cada vez mais será necessário para o ser humano do século XXI quais as perguntas que devemos fazer para tentar bussolar as nossas escolhas em um mundo onde a interfaces real/virtual se sobrepõem.

Será que podemos ficar somente com o bônus da tecnologia digital sem questionar seus problemas. A quem creditaremos o ônus das falhas do processo. Perguntas e mais perguntas.

Será que também não estamos criando novos e múltiplos problemas. O assédio digital, o “cyberbulling” a pedofilia em rede, as “fake news”, a “pós verdade” o hiperfoco em games, sem contar o isolamento social dos usuários da mídia digitais.

Quem nunca acordou pela manhã, e muito antes do bom dia, rapidamente procurou seu celular. Nas conversas com amigos continuou vendo e revendo suas mídias virtuais acreditando na importância e necessidade das mesmas.

Do ponto de vista médico já existe a definição de vício em mídias digitais que são passíveis de tratamento semelhante ao tratamento de outros vícios não digitais.

Imagine ficar confinado em seu apartamento, isolado e solitário. Este é somente um dos buracos negros da Internet, e o único lugar possível de existir para cerca de 500.000 seres humanos, a maioria adultos jovens, onde passam os dias, semanas e até meses, no Japão. O

problema tem nome: “***hikikomori***” (isolado em casa em japonês). O termo é usado para quem se isola durante seis meses ou mais. Atinge 1,6% dos jovens entre 15 a 39 anos de idade. O fenômeno sociológico envolve vícios, autoestima baixa, entre outros sintomas. Em pesquisa de 2014, apenas 7,5% dos japoneses se sentiam satisfeitos em relação a si mesmos. Muitos são viciados em Animes (desenho de animação japoneses), jogos, videogames criando mundos fantasiosos virtuais em contraposição a realidade.

Precisamos também falar sobre suicídio. Qual pai ou educador não ficou preocupado com as notícias sobre o suicídio estimulado pelas redes sociais. Em um monitoramento virtual realizado entre abril e maio deste ano (2017) pela agência de publicidade nova/sb (a pedido do governo de São Paulo), foram capturadas e analisadas 1.230.197 menções ao tema no Brasil dentro das principais redes sociais. Dos dados estudados 34,2% eram piadas ou Memes (termo grego que significa imitação e que na era da internet significa a repetição incessante de algum conteúdo, tal qual uma epidemia de gripe, daí o termo viralização). Esse tipo de comentário superou as opiniões (24,4%), as citações (22,1%), as notícias (7,5%), os relatos (6,3%) e os depoimentos (5,5%). E o pior: 18,3% das postagens avaliadas foram consideradas negativas ou preconceituosas, reforçando tabus ou até incentivando pessoas a atentarem contra a própria vida. Por outro lado, 28,8% das menções demonstravam conscientização sobre o tema e, em 52,8%, não havia um posicionamento claro por parte do autor.

A maioria do conteúdo veio do Twitter (94,2%), que deixou para trás Facebook (5%), Youtube e Instagram (0,4% cada). Os estados que registraram mais menções foram Rio de Janeiro e São Paulo, representando, respectivamente, 27,5% e 17,9% desse material. Minas Gerais (9,9%), Pará (5,6%), Rio Grande do Sul (5,5%) e Santa Catarina (4,8%) aparecem em seguida. A série do Netflix '13 Reasons Why', sobre uma adolescente que se mata, e o jogo Baleia Azul, que promove a automutilação entre jovens, totalizaram 84% das publicações, jogam luzes nas buscas relacionadas ao tema durante o período em que a pesquisa foi realizada.

É assustador e encantador mergulharmos nestas novas tecnologias e novos questionamentos ocorrem. Como devemos abordar assuntos tão novos e emergentes, sem termos o devido distanciamento histórico de conceitos a bussolar nossas decisões sobre como ensinar a criança do século XXI. Uma proposta cada vez mais aceita é dar voz ao aprendiz a construir estes conceitos. E aqui iniciaremos a discussão de uma proposta, que vem dos anos 60, onde Matthew Lipman propõe um método a nos orientar.

### **Filosofia para crianças o método de Matthew Lipman em discussão.**

Matthew Lipman foi um filósofo que trabalhou no exército americano e lutou, na linha de frente, da segunda grande guerra antes de se tornar educador. Sentiu na pele

as vicissitudes da falta de sentido ocasionada pela luta desmedida.

Iniciou sua carreira acadêmica, na filosofia, realizando pesquisas sobre arte, estética e metafísica. Graduou-se em filosofia na Universidade de Stanford (Califórnia) em 1948 e obteve o título de doutor na Universidade de Columbia (Nova York) em 1954 onde passou a lecionar lógica formal nos padrões aristotélicos. Foi estudante de pós graduação na Sorbonne (França).

Lipman, foi um estudioso das teorias de John Dewey e Lev Vygotsky que o levou ao campo da educação, com uma pergunta que todo educador tenta responder. Como podemos ensinar melhor e promover a curiosidade e a capacidade de espanto nos alunos. Em 1972 seu trabalho chamou a atenção da comunidade acadêmica sendo convidado a dar aulas na Universidade de Montclair (Nova Jersey). Nesta universidade conheceu Ann Margareth Sharp e juntos iniciaram o programa de educação para o pensar.

Para difundir o programa "Filosofia para Crianças Educação para o Pensar", Lipman e Sharp fundaram em 1974 o IAPC (sigla, em inglês, para Instituto para o Desenvolvimento da Filosofia para Crianças). A entidade ajudou a promover a implantação do método e centros regionais em mais de 30 países, entre eles: França, Inglaterra, Alemanha, Rússia, Canadá, México, Chile, Argentina, Colômbia, Guatemala, Nigéria, Zimbábue, Israel, Jordânia, Taiwan e Coréia do Sul.

Lipman, já escreveu 23 livros e teve mais de cem artigos publicados em revistas especializadas em educação. Sua biografia e seu trabalho foram tema de um documentário ("Sócrates para Crianças") produzido em

1990 pela BBC, como um dos episódios da série "Os Transformadores".

Lipman visitou o Brasil em julho de 1994, por ocasião do "1º Encontro Nacional de Educação para o Pensar". Na oportunidade, ele se encontrou com assessores do educador Paulo Freire com o objetivo de discutir as semelhanças entre as "comunidades de investigação", que idealizou, e as "comunidades de trabalho", pensadas pelo brasileiro para promover o ensino no país.

### Seu legado para o ensino da filosofia para crianças

O objetivo final do ensino sempre foi focado na transmissão do conhecimento estabelecido, sem contudo, permitir que este conhecimento fosse questionado e como foi criado.

Este objetivo não é mais aceitável. Os processos de aprendizado são cada vez mais rápidos. A universalização do conhecimento na era pós internet, a globalização de costumes e a secularização da sociedade, corroboram para uma mudança paradigmática de como transmitir conhecimento. Temos hoje um aprendiz que além da informação precisa ser sensato e racional com grande capacidade de julgamento e raciocínio crítico. Este novo aluno terá que utilizar de seu conhecimento para enfrentar problemas que não somente diz respeito a ele, e sim ampliar as fronteiras do pensamento, para a sustentabilidade de nosso planeta.

Alterações climáticas, escassez de água e alimentos, poluição ambiental, crescimento populacional, mudança de matrizes energéticas, diminuição do uso de combustíveis fósseis, novas doenças, são somente alguns dos novos

pontos que deverão ser abordados, sem contar nas profundas transformações sociais que os novos tempos nos convidam a pensar. Refugiados, terrorismo, intolerância religiosa e para com as minorias, questões de gênero entre tantas novas modernidades. Estas questões, envolvem o jovem de uma forma nunca antes vista na história da humanidade. Este novo aprendiz, muito além da transmissão de conhecimentos, precisa cada vez mais de parceiros no aprender, desenvolvendo o diálogo e sua capacidade de julgamento, ou seja aprender a possuir reflexão crítica.

O percurso da transmissão de conteúdos genéricos até a análise crítica de conteúdos particulares, fazem do diálogo e do aprender junto uma necessidade. A filosofia enquanto disciplina se torna por excelência apta a instrumentalizar o novo aprendiz. Promover a dúvida e estimular a crítica dando voz ao poder transformador da pergunta. Assim o conhecimento nasce de uma maneira dialógica reflexiva, em detrimento a transmissão de conhecimento monológico exercido pelas escolas tradicionais. A reversão da perspectiva muda o foco do professor que ensina para o aluno que descobre e ganha conhecimento. Aprende a utilizar o pensamento enquanto ferramenta para poder viver em um mundo repleto de mudanças. Várias maneiras de estimular o aprender foram e são testadas e cada uma com suas características, entretanto uma me chamou especial atenção. Em 2007 quando estudava filosofia recebi uma tarefa de apresentar um método educacional que utilizasse a filosofia como método. Gostei do desafio e ao pesquisar encontrei a “educação para pensar” de Matthew Lipman. E confesso, me encantei com suas novelas filosóficas. Longe de ser unanimidade entre educadores e repleto de críticas é

um método, honesto, generoso, e que trata de uma filosofia do possível destruindo as idealizações. Transforma O sonho em ideias e não na necessidade de ser realizado. Tenta desfazer as contradições, dando voz ao controverso. Utiliza uma pedagogia que ensina as diferenças fundamentais entre desejo e necessidade.

*Matthew Lipman* na década de 1960 criou uma proposta de ensino alicerçada na filosofia. Foi chamado de Filosofia para Crianças-Educação para o Pensar. É um Programa educacional que cria um espaço investigativo-dialógico para o novo aprendiz para que busquem compreensão de temáticas filosóficas e possam desenvolver a sua capacidade de “pensar melhor” de maneira dialógica, reflexiva e crítica. Em síntese os três grandes campos deste programa são os seguintes:

### ***Um espaço investigativo-dialógico:***

Os espaços educacionais devem ser transformados em uma “Comunidade de investigação”. Espaços nos quais o jovem aprendiz investigue em conjunto com os outros alunos. Criar conhecimento a partir do processo investigativo ao invés da preocupação única em transmitir conteúdos programáticos em busca do conhecimento. O método de Lipman nos ensina que o saber pode ser criado

e os conhecimentos remodelados através de um processo dialógico de investigação.

### ***Evolução no entendimento dos conceitos filosóficos:***

Não devemos pensar no método como uma aula de história da filosofia. Autores filosóficos são por vezes citados e sua filosofia ou corrente filosófica estudada. Utilizando os conhecimentos filosóficos como ferramenta para exercer criar um novo conhecimento, um novo olhar sobre os mesmos problemas. O método visa manter viva nas pessoas a capacidade de se espantar com o conhecimento criando ressonância com as questões fundamentais da ordem do humano. Investigar as perguntas que todos os seres humanos se fazem. O que nos transforma em pessoas, como agir, o que é bem pensar, como decidir entre o bem e o mal, se somos todos humanos por que tanta intolerância. As questões de fundo ao longo da história da humanidade têm sido praticamente as mesmas. De onde viemos e para onde vamos e entre estes dois polos a questão “o que somos”?

A filosofia nos torna menos miseráveis, controlando e entendendo nossos instintos, em busca do que nos constitui em humanos. O certo e errado, o bom e o mal, qual o melhor caminho seguir sempre são um convite a nossa mente maniqueísta e polarizadora. Nunca saberemos se estamos certo ou errado a priori. É no distanciamento histórico do ocorrido que a reflexão crítica se torna presente. Assim trabalha o método de Lipman. O conhecimento não deve ser cristalizado e sim discutido, redescoberto e transformado.



Após a leitura dos textos do autor criei uma atividade que utilizou estes conceitos. Imaginamos uma comunidade de investigação com crianças de 10 a 12 anos a qual foi proposto uma sequência de pensamento a partir de um café da manhã

Alunos, professores e funcionários de uma escola compartilhando de uma refeição matinal conjunta. A análise reflexiva das etapas necessárias para que os alimentos ali servidos chegue a nossa mesa. A cadeia de pessoas envolvidas desde a produção no campo, a distribuição nas cidades e o consumo. O descarte do não consumido e o impacto ambiental do lixo produzido. Como podemos nos alimentar de forma a respeitar toda a cadeia desde a produção ao descarte. Qual a postura moral das pessoas para se alimentarem juntos. Atente que serão utilizados conhecimentos já formados de física, química, botânica, matemática, biologia, línguas entre outros saberes, não como um fim em si mesmo, mas enquanto meio para chegar as relações sociais e conteúdos valorativos necessários a formação de um grupo que cultive e ensine valores. Neste simples ato estão contidas verdades filosóficas que utilizam a epistemologia como ferramenta. A Ciência está em todos os lugares onde estão os seres humanos.

## ***Um programa voltado a uma Educação para o Pensar:***

*Não tenho pressa. Pressa de quê?  
Não têm pressa o sol e a lua: estão certos.  
Ter pressa é crer que a gente passe adiante das pernas,  
Ou que, dando um pulo, salte por cima da sombra.  
Não; não tenho pressa.  
Se estendo o braço, chego exactamente aonde o meu braço chega -  
Nem um centímetro mais longe.  
Toco só aonde toco, não aonde penso.  
Só me posso sentar aonde estou.  
E isto faz rir como todas as verdades absolutamente verdadeiras,  
Mas o que faz rir a valer é que nós pensamos sempre noutra coisa,  
E somos vadios do nosso corpo.  
E estamos sempre fora dele porque estamos aqui.*

***Alberto Caeiro***

Ensinar que na aventura da existência humana somos nós que de alguma forma ‘a pensamos é algo assustador. Somos responsáveis por pensamentos, idéias e reflexões. Observamos o mundo sempre de maneira única. O conceito que define esta capacidade se chama metacognição. Ela se constitui na apropriação e comando dos recursos internos se relacionando com os objetos externos. A metacognição é a capacidade do ser humano de monitorar e autorregular os processos cognitivos.

Pensar melhor é incentivar o jovem aprendiz a exercer um pensamento reflexivo, rigoroso e crítico, profundo, criativo, cuidadoso, contextualizado e autocorretivo. O fazer filosófico inclui o exame de como pensamos, e de como conhecemos o mundo.

Neste sentido podemos utilizar as novelas filosóficas escritas pelo autor e sua equipe para introduzir a criança ao maravilhoso mundo do pensar filosófico. Criando cidadãos críticos e reflexivos e sempre ei nacabados. Abertos a crítica e a dúvida utilizando a pergunta como sua maior ferramenta.

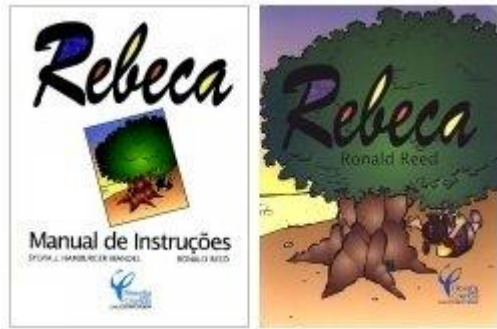
## **Material Didático do Programa de Filosofia para Crianças**

Matthew Lipman e sua equipe desenvolveram as Novelas Filosóficas para serem usadas pelos alunos e os Livros do Professor para auxiliar a mediação do professor na investigação filosófica em sala de aula.

A Novela Filosófica é uma narrativa que apresenta temas e problemas filosóficos através das falas e tramas vividos pelas personagens numa Comunidade de Investigação.

O Livro do Professor contém planos de discussão e exercícios sobre conceitos filosóficos para auxiliar a mediação do diálogo na comunidade de investigação e desenvolver as habilidades de pensamento. E percebe-se que a filosofia como método não necessita transmitir idéias filosófica de autores específicos e sim contextualizar os conceitos através de exemplos contidos nas narrativas. Os textos irão colocar os alunos em contato com valores os quais serão definidos pela própria comunidade de investigação.

## Rebeca

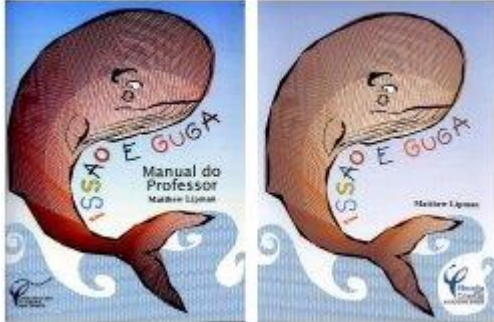


Livro escrito por Ronald Reed, colaborador de Matthew Lipman, é utilizado para a iniciação filosófica com crianças da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental. O texto é ilustrado e possui trinta e sete capítulos.

O foco do programa de Rebeca é a pergunta como forma de iniciação na reflexão filosófica.

Propõe o desenvolvimento de habilidades como detectar semelhanças e diferenças, raciocínio hipotético, critérios de classificação, relação de causa e efeito, relação parte e todo, esclarecimento de conceitos. Ao longo da narrativa as crianças são convidadas a pensar sobre o próprio pensar e se envolvendo com problemas presentes na filosofia. Alguns temas: percepção, identidade, imaginação, realidade, aparência, verdade, conhecimento, probabilidade e possibilidade, perguntas, pensamento, diferenças, medo, segredo, cor, felicidade.

## **Issao e Guga Maravilhando-se com o Mundo**

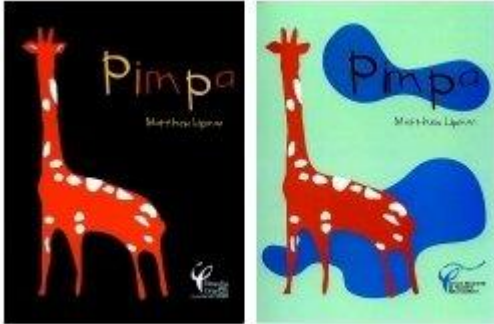


Livro para os alunos com idade entre 8 e 9 anos. O texto completo de Issao e Guga possui introdução e dez capítulos. Este material tem conteúdos para dois anos, ou seja, para o 2º e 3º anos do Ensino Fundamental.

O foco do trabalho é a preocupação com a percepção e processos do conhecimento, propondo o desenvolvimento de habilidades básicas de pensamento para esta faixa etária. Aborda temáticas da filosofia linguagem, teoria do conhecimento, ontologia, ética e estética. Alguns temas: animais, realidade, natureza, água, ecologia, poluição, guerras, trabalhar, brincar, verdade, beleza, sentidos, amizade, pensar, etc.

## **Pimpa**

### **Em busca de significado**



Novela escrita por Matthew Lipman, indicada para crianças de 9 a 10 anos. O texto é possui 11 capítulos e é indicado para dois anos letivos de trabalho, geralmente utilizado no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

O foco do trabalho é a Filosofia da Linguagem, antropologia, ética e fenomenologia. É um programa de raciocínio, comunicação e expressão. Estimula a criança a escrever. Propõe o aperfeiçoamento de um conjunto de habilidades próprias para este nível de ensino. Alguns temas: identidade, corpos e mentes, partes e todo; idéias e coisas, justiça, direito, dever, necessidades, regras de conduta, história, espaço, tempo, família, relação, ambigüidades, analogias, etc.

## **A Descoberta de Ari dos Telles**

### **Investigação Filosófica**

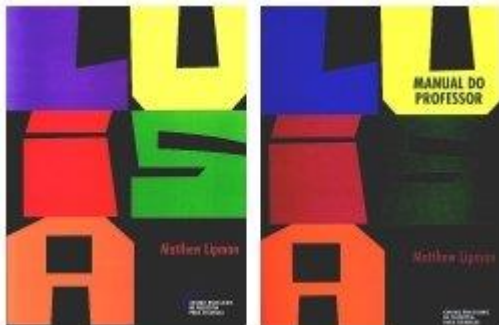


Livro indicado para adolescentes de 11 a 13 anos. O texto completo de A Descoberta de Ari dos Telles possui 17 capítulos. Material para ser trabalhado com os alunos durante dois anos, ou seja, indicado para os 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> anos do Ensino Fundamental.

O foco do programa Ari é aprender a pensar e a pensar sobre o pensar. Por isso, Ari propõe princípios e práticas que propiciam o raciocínio estruturado e busca oferecer aos alunos familiaridade com a sequência de idéias lógicas. Sua ênfase está na lógica formal, na lógica das boas razões e na lógica do agir. Esta novela nos apresenta uma introdução à investigação filosófica, problematizando temas de Ontologia, Antropologia, Teoria do Conhecimento, Ética, Estética, Fenomenologia, Política, Linguagem e Educação. Alguns temas: pensar, investigar, estereótipos, conhecimento de si, indução, dedução, raciocínio hipotético, percepção, morte, mente, cultura, gêneros, símbolo, costumes, liberdade, razões, generalização, confiança, empatia, contradição,

possibilidades, amizade, arte, sentimentos, hábito, hipóteses, incoerência, verdade.

## **Luísa** **Investigação Ética**



Livro indicado para adolescentes de 13 a 15 anos. O texto completo de Luísa possui 11 capítulos, subdivididos em 29 episódios. O trabalho com este livro é previsto para dois anos, ou seja, indicado para o 8º e 9º anos.

O foco do programa de Luísa é a Investigação dos problemas da ética e da moral, propondo a reflexão rigorosa sobre valores. Trabalha-se com a argumentação lógica e construção de critérios e conceitos fundamentais para o auto-conhecimento e a tomada de decisões, contribuindo para a formação da autonomia moral e da convivência com as diferenças. Retoma alguns temas e problemas das Antropologia, Teoria do Conhecimento, Ética, Estética, Fenomenologia, Política, Linguagem e Educação. Alguns temas: ética e moral, direito e dever, hábitos, fatos e valores,



coerência e consistência, indivíduo e identidade, o certo e o justo, perfeito e certo, livre arbítrio e determinismo, natural, verdade, padrões e regras, leis e regras, intenção e consequência, consciência e decisão. O programa de Luísa propõe o desenvolvimento de habilidades como: considerar relações de parte / todo, meios e fins, regras e princípios, dar razões, contextualizar, abrangência, universalizar, projetar um ideal de mundo e pessoa, etc.

### *A DIDÁTICA PRÁTICA DE LIPMAN: como tornar apta a capacidade de pensar*

Das novelas de Lipman as crianças são estimuladas a aprender habilidades progressivamente mais complexas do ponto de vista cognitivo, objetivando a criação de uma criança mais feliz, interessada, responsável quanto a formação de sua intelectualidade. Sempre em busca de tornar-se sujeito de sua própria vida na construção de valores necessários para se viver em sociedade. São quatro grupos de habilidades de pensamento que o autor procura estimular.

### **1º grupo: Habilidades de Investigação.**

Uma comunidade de investigação prioriza os aspectos necessários ao método científico. Procura soluções para problemas específicos utilizando processos indutivos e dedutivos na pesquisa. Saber como a coisa em si é, como ocorre, como se faz até a resolução de um problema. As habilidades cognitivas necessárias neste movimento filosófico educacional são:

- A habilidade de saber observar bem.
- A habilidade de saber formular questões ou perguntas substantivas.
- A habilidade de saber formular hipóteses.
- A habilidade de saber buscar comprovações.

### **2º grupo: Habilidades de Raciocínio.**

Raciocínio é o conjunto de atividades mentais que permite a conexão entre premissas, de acordo com certas regras, buscando a justificativa para uma premissa ou ideia. É com ele que temos a capacidade humana de resolver problemas gerando pensamentos através do qual nós conseguimos obter novos conhecimentos. As habilidades de raciocínio que podemos aprender com a filosofia de Lipman são:

- Ser capaz de produzir bons juízos, isto é, ser capaz de produzir afirmações bem sustentadas por boas razões.
- Ser capaz de estabelecer relações adequadas entre ideias e, especialmente, entre juízos.
- Ser capaz de inferir, isto é, de “tirar” conclusões.

- Habilidade de identificar ou perceber pressuposições subjacentes. Abster-se de julgamentos e pré concepções analisando a ideia de forma pura a priori.

### ***3º grupo: Habilidades de Formação de Conceitos.***

Nós ensina Lipman que um Conceito é um conjunto de informações relacionadas entre si e que formam um sentido, um significado. Estimular atitudes que utilizem as palavras e a criação de narrativas são habilidades que podem ser treinadas.

- Explicar, ou desdobrar, repartir o sentido e o significado de qualquer palavra.
- Analisar, esmiuçar elementos que compõem um conceito desenvolvendo o aprendizado da síntese e nela perceber o conceito. Procurar significados de palavras em fontes como dicionários, enciclopédias, pessoas, e de adequar os significados encontrados ao contexto em que tais palavras estão sendo utilizadas.
- Observar características essenciais para que algo possa ser identificado como tal.
- Promover a capacidade definir dizendo o que algo é e que o torna inconfundível.

#### **4º grupo: Habilidades de Tradução.**

Diz Lipman ao comentar as boas traduções de uma língua para outra onde o conceito pode ser dito em outra língua utilizado outras palavras sem contudo mudar-se o sentido e o conteúdo. Podemos utilizar da arte, desenho, mímica para transmitir o mesmo conceito dito em palavras. Assim ampliamos a capacidade de entendimento para todos.

#### **Conclusão:**

Após este breve apanhado de Lipman e seus colaboradores percebemos que suas ideias mostram um caminho a seguir para a reflexão crítica do mundo, sem contudo, buscar a unanimidade de conceitos e modos de ensinar. Em seu livro “Z metafísica” Aristóteles já nos ensinava que “aquilo que é... se diz de várias maneiras”

Enfim tudo que é humano pode e deve ser usado como matéria prima para a construção do pensamento crítico. O nosso dever é afiar cada vez nosso intelecto afim de poder “transver” o mundo, Como disse o poeta Manoel de Barros.

“A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.”

## **Livros consultados:**

***Claudine Leleux e col.*** Filosofia para crianças “ O modelo de Matthem Lipman em discussão”, 2008, Artemed.

***Maria Luiza Silveira Teles.*** Filosofia para crianças e adolescentes, 1999, Editora vozes.

***Yves Michaud.*** Filosofia para adolescentes, 1998, Escala Educacional.

***Zilma de M.Ramos de Oliveira (org).*** Acriança e seu desenvolvimento, 2012, Cortez Editora.

***Sarah Tomley, Marcus Weeks (org).*** Filosofia para crianças, 2014, Publifolha.

***Theo Roos.*** Vitaminas filosóficas,1953, Casa da Palavra Produção Editorial.

***Sonia Maria Ribeiro de Souza.*** Um outro olhar Filosofia, 1995, Editora FTD S.A.

***Ellen Duthie & Daniela Martagón.*** Mundo cruel. Filosofia visual para crianças, 2012, Ed. Boi ta tá.

**Platão.** A República, 2006, Ed. Escala Educacional.

**Aristóteles.** Política, 2001, Ed. Martin Claret.

**Steven Pinker.** Do que é feito o Pensamento, 2008, Ed. Companhia das Letras.

**Yuval Noah Harari.** Sapiens: Uma Breve História da Humanidade, 2011, Ed. Harper.

**Cláudio Roberto Brocanelli.** Matthew Lipman: Educação Para o Pensar Filosófico na Infância, 2002, Ed. Vozes.

**Elizabeth Kilbey.** Como Criar Filhos na Era Digital, 2018, Ed. Companhia Das Letras selo Fontanar.

**Matthew Lipman.** Pimpa, 1995, Ed. Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.

**Matthew Lipman.** A Descoberta De Ari Dos Teles, 1998, Ed. Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.

**Matthew Lipman.** Issao e Guga, 1997, Ed. Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.

**Ronald Reed.** Rebeca, 1996, Ed. Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.